

Metacrítica - De repente fica tudo preto de gente

26/03/2014

By [Julia Guimarães](#)In [Prática da Crítica](#)

Percepções em deslocamento

Soraya Belusi, do Horizonte da Cena, em diálogo com o Coletivo de Críticos (*)

Deslocar-se. Instaurar novos espaços. Desarticular as categorias. Fazer mover os corpos. Mudar de lugar o olhar. Contaminar o outro. Desviar os comportamentos dominantes. Imperativos que se apresentam, independentemente da abordagem crítica, na fruição de De repente fica tudo preto de gente. São noções que parecem ser inerentes à obra de Marcelo Evelin e dos performers da Demolition Inc., e que provocam, entre outras coisas, a desestabilização do espectador, em sua maneira de percepção e de disponibilidade corpórea, e a própria relativização das categorias artísticas, por seu caráter híbrido e pela prioridade em estabelecer a experiência e a amplitude de sentidos.

Além das múltiplas leituras possíveis na relação com a obra – algumas delas apresentadas em conversas com professores-pesquisadores e estudiosos de outras áreas do conhecimento; neste caso, com Nina Caetano e Pedro Cesarino, respectivamente; que ofereceram chaves de aproximação através da investigação dos conceitos e procedimentos de construção da obra, assim como a noção cosmológica colocada em jogo no espetáculo –, parece despontar, no exercício de metacrítica realizado pelo Coletivo de Críticos (*), a ideia de deslocamento, seja da relação passiva com o espectador, seja pela contaminação de procedimentos de disciplinas artísticas distintas, seja, principalmente, pela atitude que demanda daquele que a assiste, tanto na tentativa de convívio quanto na pura contemplação.

Em De repente tudo fica preto de gente, não são apenas os corpos dos performers que se colocam em movimento. Mais que andar pelo espaço, o público é provocado a mover-se de seu estado habitual, a colocar sua própria fisicalidade em jogo e a expor-se também ao olhar do outro. O efeito que a proximidade entre performers e espectadores assume sobre o ato performativo, já ressaltado em teorias e práticas cênicas ao longo da história recente, parece ser também uma das forças de ação que constituem a explosão de percepções e possibilidades que De repente tudo fica preto de gente nos suscita.

Em suas ondas de movimento – da aglutinação à degeneração, da integração à individuação, da estagnação ao deslocamento –, as massas corpóreas dos performers mobilizam também estados distintos no público, do desejo à repulsa, da entrega à negação, da aproximação ao afastamento. A obra demanda que público estabeleça também um comportamento físico, tornando-se, assim como os performers, uma força propulsora das dinâmicas que se estabelecem no espaço e no tempo do acontecimento performático, permitir-se ou não o contato, entregar-se ou não ao contágio, realizar ou não o toque, deixar-se, ou não, perceber a si mesmo e ao mundo através da pele e dos rastros que nela ficam.

Como afirmou o próprio Evelin em conversa com o público, é como se houvesse uma “coreografia do espectador”, cujo fluxo de movimentos, assim como o dos performers, também assume uma característica, um padrão, um procedimento no desenrolar do espetáculo. Não se trata mais apenas de colocar em crise a

Blog - Prática da Crítica

Metacrítica - Ubu e a Comissão da Verdade

26/03/2014

As artes e o todo Maria Eugênia de Menezes, do Teatrojornal, em diálogo com o Coletivo de Críticos (*)

Metacrítica - Escola

26/03/2014

A linguagem desilude o discurso Valmir Santos, do Teatrojornal, em diálogo com o Coletivo de Críticos (*)

Metacrítica - Cineastas

26/03/2014

Revisitando Cineastas ou dois frames de críticas gerando um quadro (crítico) Por Ana Carolina Marinho, da Antro Positivo, em diálogo...

Metacrítica - Hamlet

26/03/2014

Quero a desconfiança de Hamlet Ivana Moura, do Satisfeita, Yolanda?, com Maria Eugênia e Coletivo de Críticos (*)

Metacrítica - Eu não sou bonita

26/03/2014

Reflexões da perturbação Luciana Romagnolli, do Horizonte da Cena, em diálogo com Suely Rolnik e Coletivo de Críticos (*)

Metacrítica - Gólgota Picnic

26/03/2014

Atravessando o território do Gólgota Pollyanna Diniz, do satisfeita, Yolanda?, em diálogo com o Coletivo de Críticos (*)

Metacrítica - De repente fica tudo preto de gente

26/03/2014

Percepções em deslocamento Soraya Belusi, do Horizonte da Cena, em diálogo com o Coletivo de Críticos (*)

Metacrítica - Anti-Prometeu

26/03/2014

Por uma chama intempestiva Daniele Avila Small, da Questão de Crítica, em diálogo com Coletivo de Críticos

Metacrítica - “Nós somos semelhantes a esses sapos...” + Ali

26/03/2014

Equilíbrio delicado Ivana Moura, do Satisfeita, Yolanda?, em diálogo com o Coletivo de Críticos (*)

Metacrítica - Bem-vindo a casa

26/03/2014

A realidade do fracasso como discurso estético Ruy Filho, da Antro Positivo, em diálogo com o Coletivo de Críticos (*)

Notícias

Peter Pál Pelbart analisa Gólgota Picnic: leia aqui o texto na íntegra

21/03/2014

Gólgota Picnic, ou sobre a teologia da destruição Peter Pál Pelbart

Vladimir Safatle: “Ninguém aqui pediu perdão pelos crimes da ditadura militar”

cognição do espectador ou de provocar sua transição pelo espaço, mas também de fazer-lhe assumir uma postura diante dos corpos com os quais compartilha a experiência. A ocupação compartilhada entre criadores e espectadores no platô coloca em confronto, como num ringue, as tradicionais convenções de quem age e de quem é apenas o alvo da recepção. O espectador, sua materialidade corpórea, é parte indispensável da visualidade e do movimento da cena, tornando-se parte da experiência do grupo de espectadores presentes. Fica tudo preto de gente mesmo.

Há uma escolha (ou uma recusa) a ser feita pelo espectador. Existe uma tomada de decisão do público que preexiste e ultrapassa o ato de olhar e atribuir sentido ao que se vê. Se o público não quer “empretecer”, é preciso agir. E se não quer agir, é preciso decidir ficar do lado de fora do ringue. Para esses, que se mantêm do lado de fora, caberia apenas a contemplação, a construção de um argumento e a necessidade do sentido. Para os que estão dentro não existe contemplação, mas a exposição de todos que compartilham o ato. De repente tudo fica preto de gente é, em sua relação com o espectador, ao mesmo tempo, exposição e contemplação, experiência e sentido, pensamento e movimento.

Assim como o deslocamento da percepção do espectador (sobre si mesmo e sobre a obra), o espetáculo nos levou a refletir, ainda, sobre a noção de campo expandido das artes, em que as categorizações não são mais capazes de enquadrar todos os desdobramentos (éticos-estéticos-técnicos-filosóficos) da obra em questão. Retomando a ideia de convívio entre espectador e obra, espectador e espectador, espectador e performers que De repente tudo fica preto de gente proporciona, os campos do teatro e da dança, assim como da performance e da instalação, nem sempre têm a oportunidade de convívio que aqui se desenha.

A ampliação dos campos nas artes – uma ideia que pode ser vislumbrada com a leitura de A escultura no campo ampliado, de Rosalind Krauss – é também uma questão para a crítica. Se antes, uma categoria se definia por atributos técnicos específicos, hoje, esta se dá menos vertical e mais horizontal, no campo de experiências possíveis. Sendo assim, conceitualmente, temos que intervir sobre a dinâmica da experiência com forma de encontrar nela a possibilidade de sua condição. Aproximar-se de De repente fica tudo preto de gente por um único enquadramento possível seria limitador para a própria experiência relacional com a obra.

No caso desse espetáculo, o público não está meramente passivo ao procedimento, é ele parte fundamental ao movimento de construção dos performers. A obra se estabelece como a correlação entre o convívio estético do espaço, obra e observador, uma instauração que parte de processos de entropias possíveis ao entendimento de proximidade ao outro. A criação assinada por Evelin e pelos performers da Demolition Inc., porém, não nos faz mais indagar, como sintoma das poéticas híbridas que se afirmam na contemporaneidade, se o que está diante dos nossos olhos é dança ou não. Esta pergunta parece não responder outra que se impõe de maneira ainda mais potente na fruição do espetáculo, ao voltar o questionamento não somente ao artista acerca dos procedimentos escolhidos por ele, mas, principalmente, a nós mesmos, espectadores, de como nos relacionamos com o que nos é apresentado. Exige, sim, olhar para esses espaços fronteiriços como eles se instauram em suas particularidades, não determinar categorias para eles que de algum modo os limitem.

(*) O Coletivo de Críticos é um ajuntamento temporário de críticos, com presença na internet e atuação em rede. Inclui integrantes dos sites-blogs-revistas eletrônicas Antro Positivo (SP), Horizonte da Cena (MG), Questão de Crítica (RJ), Satisfeita, Yolanda? (PE) e Teatrojornal (SP).

Compartilhar:



16/03/2014

Após a estreia do espetáculo Ubu e a Comissão da Verdade na MITsp, ontem (15), o filósofo e professor da USP Vladimir...

Dois olhares sobre Gólgota Picnic

15/03/2014

Quem acompanhou as ações da MITsp de ontem (14) encontrou pelo menos dois olhares distintos sobre um dos espetáculos mais...

Suely Rolnik discute o espetáculo Eu não sou bonita

14/03/2014

A apresentação de estreia de Eu não sou bonita na noite de ontem (13) deve ficar marcada como um dos...

Laymert Garcia analisa Sobre o conceito de rosto no filho de Deus: leia aqui o texto na íntegra

14/03/2014

Sobre o conceito de rosto no filho de Deus Societas Raffaello Sanzio – Romeo Castellucci Mostra Internacional de Teatro de...

Manutenção do CIT-Ecum é debatida no Fórum de Encontros

13/03/2014

Construir uma mesa coletivamente. Essa foi a ação que serviu como ponto de partida para as atividades do Fórum de...

Bem-vindo a casa terá três sessões extras

12/03/2014

Devido à grande procura do público pelo espetáculo Bem-vindo a Casa, a MITsp conseguiu, junto à equipe do espetáculo, que fossem realizadas...

Roberto Suárez: “Buscamos uma relação com o público pela via do afeto”

12/03/2014

Responsável por um dos espetáculos mais concorridos da MITsp – Bem-vindo a casa - o diretor uruguaio Roberto Suárez conversou ontem...

Felipe Hirsch e atores do MPTA refletem sobre “Nós somos semelhantes...” + Ali

11/03/2014

Na noite de ontem (10), o diretor de teatro Felipe Hirsch e os atores Ali e Hedi Thabet conversaram com o...

Castellucci conversa com público via videoconferência

10/03/2014

O segundo dia (9) da MITsp foi marcado por uma série de reflexões acerca do espetáculo Sobre o conceito de...

Apresentam	Patrocínio	Correalização
Proponentes	Parceria Institucional	Apoio Cultural
Apoio	Realização	

RECENTES

TWITTER

Mostra Internacional de Teatro marca seu espaço na cena e confirma próximas edições - Jornal O Globo oglobo.globo.com/cultura/most...
[@JornalOGlobo](#)

[Como a programação da MITsp Teatros de São Paulo](#)

LIKE

FACEBOOK

FALE CONOSCO

Contatos

MITsp - Mostra Internacional de Teatro de São Paulo

55 11 2158 0877

Rua da Consolação, 1623 Consolação, São Paulo, SP, 01301-100

 ENVIAR MENSAGEM POR E-MAIL

Perfis Sociais

® Ecum Central de Produção
by [3TD/Linke](#)

